

MILITÂNCIA SOCIAL E CULTURAL NA BAIXADA FLUMINENSE

Aluna: Paula Martins Salles
Orientador: Marcelo Burgos

Introdução:

A pesquisa “Juventude e Periferia: Militância Social e Cultural na Baixada Fluminense” buscou identificar como a condição periférica vem sendo enfrentada pela juventude através de novas formas de militância política e cultural.

Tendo como ponto de partida a relação entre o espaço urbano e o acesso aos direitos, o foco dessa pesquisa foi a periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro, mais especificamente, a Baixada Fluminense. A escolha por focar a pesquisa no segmento juvenil foi feita a partir de duas premissas. A primeira é a de que os jovens constituem o segmento que melhor dramatiza os dilemas da segregação urbana, uma vez que ainda estão experimentando o processo de incorporação à cidade, sendo, portanto, os mais afetados pelos constrangimentos estruturais característicos das periferias urbanas do país.

A segunda premissa é a de que também é esse segmento que mais vem buscando alternativas para superar essas limitações, forjando novas identidades e criando novas formas de inserção e participação na vida social.

Objetivos:

A hipótese da pesquisa é a de que os jovens de periferia estão se apropriando das novas tecnologias de informação de maneira a construir novas identidades, novas formas de participação e mobilização, para se fazer visíveis e para buscar reconhecimento social. Esse processo que se dá numa arena global abre caminho para a ressignificação do espaço local.

Nesse sentido, o objetivo da pesquisa foi o de refletir sobre quais e como são os caminhos alternativos encontrados por essa juventude para afirmar suas identidades, buscar o reconhecimento social e se fazer visíveis no mundo.

Metodologia:

A metodologia utilizada nesse trabalho foi a do estudo de caso. Escolhi um grupo de hip hop da Baixada Fluminense, que fundou uma rede de articulação via internet. Realizei duas entrevistas com um dos membros do grupo, que foi um dos fundadores da rede, a fim de conhecer como se apropriaram dessas novas tecnologias de comunicação, e como organizaram sua articulação em redes virtuais.

Conclusões:

A juventude pobre brasileira sofre um processo de estigmatização e marginalização persistente, sendo caracterizada como segmento perigoso, responsável em grande parte pela desordem e pela violência urbana, nas representações do senso comum e da grande mídia. Esses jovens sofrem ainda com um processo de segregação urbana, que os amarram a um território escasso em oportunidades para construir para si uma vida melhor. O território determina as chances de seus jovens. Apesar disso, esse

trabalho constata que essa juventude também é capaz de se organizar e buscar alternativas para lidar com esses processos de exclusão social.

Nesse sentido, a democratização do acesso às novas tecnologias de comunicação e informação teve um papel importante. A comunicação via internet criou novos espaços de sociabilidade, que não são definidos por tempo e espaço. Num contexto global, em que as novas relações espaço-tempo significam distâncias cada vez mais curtas e a circulação de informações cada vez mais rápidas, a juventude se mostra como segmento com mais facilidade de absorver as mudanças que esse cenário impõe.

Para os jovens das camadas populares, esses novos espaços significam novas alternativas àquelas disponíveis no local. O estudo de caso mostra como a participação em uma rede, baseada em interesses comuns e na troca de experiências, dá suporte e fortalece identidades, cria um diálogo que garante um reconhecimento positivo, associado às novas formas de participação e mobilização. Esse reconhecimento se reflete numa ressignificação do local.

Não se pode ignorar que os caminhos abertos pela inserção numa rede de comunicação global ganham relevância quando pensados em relação às possibilidades de inserção e participação desses jovens na vida política local. Esse é um caminho obstruído para esses jovens que estão buscando mudanças. O histórico político da Baixada Fluminense é marcado pelo uso da violência, em que o legal e o ilegal se imiscuem para garantir os interesses e a dominação de grupos de poder local.

É importante ressaltar que a ação desses jovens ainda está submetida à essa lógica coercitiva dos poderes locais. Toda a ação local deles é pensada de forma a evitar um confronto direto com esses poderes. Isso limita suas possibilidades de ação. Assim como, à medida que eles alcançam visibilidade e legitimidade, junto à comunidade também ficam mais expostos aos interesses desses grupos.

Referências:

1 - CASTELLS, M. (2003) *A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os Negócios e a Sociedade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

2 - FAUSTO NETO, A. M. & QUIROGA, C. (2000) – Juventude Urbana Pobre: Manifestações Públicas e Leituras Sociais – In: C.Alberto Messeder Pereira; Elizabeth Rondelli; Karl Erik Schollhammer; & Micael Herschmann (orgs), *Linguagens da Violência*, Rio de Janeiro: Rocco, p.221-236.

3 - MELUCCI, A. (1997) Juventude, Tempo e Movimentos Sociais. In: *Revista Brasileira de Educação. Juventude e Contemporaneidade*, nº 5 e 6, São Paulo.

4 - RIBEIRO, L. C. de Q. (2007) – Metrôpoles, Reforma Urbana e Desenvolvimento Nacional. In: L. Cesar de Queiroz Ribeiro e Orlando Alves dos Santos Junior (org.) *As Metrôpoles e a Questão Social Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Revan.